



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

EDUCAÇÃO E HUMANIDADES: RECONNECTANDO AFETOS

EDUCACIÓN Y HUMANIDADES: RECONNECTAR AFECTOS

Ana Cristina Mendonça Santos
UNEB/ CAMPUS XI-Brasil
E- mail: acmendonca@uneb.br

Juscely Maria Oliveira de Carvalho Cardoso
UNEB/ CAMPUS XI-Brasil
E- mail: jcardoso@uneb.br

Prof. Julio Cesar Gomes Santos
UNEB/ CAMPUS XI, Serrinha-BA, Brasil
E- mail: julioparsifal@hotmail.com

RESUMO

Após dois anos de distanciamento social e dificuldades em todos os aspectos da vida humana, os sistemas educacionais retomam suas atividades presenciais e se deparam com as mais diversas situações de fragilidades, necessidades humanas e sociais dos estudantes, docentes e funcionários. Mas e no retorno às atividades presenciais, como ele se deu? A partir desta premissa, este estudo busca apresentar o olhar e as ações dos pesquisadores do Grupo de Estudos em Educação, Tecnologias e Linguagens (GETEL), no momento de retorno à presencialidade às atividades pedagógicas do Campus XI. Mediante isso, se apresentam especificamente como outros objetivos: apresentar os principais eventos sociais/acadêmicos realizados nesse período e descrever seus respectivos métodos e abordagens afetivas aplicadas nos mesmos. Esta interlocução está alicerçada numa epistemologia educacional da diferença, da multirreferencialidade e da inclusão, na qual, todos os sujeitos sintam-se respeitados e acolhidos em todos os contextos sociais. A Universidade na condição de produtora de conhecimentos e espaço de formação humana, se compromete com esta missão, e tem concentrado esforços no fortalecimento de práticas educativas que mobilizam tais construções. O caminho metodológico de abordagem qualitativa, optou pela etnografia ao trazer para o estudo nossas narrativas e experiências enquanto pesquisadores e atores de uma prática educacional ainda em fase de observações, reflexões e teorizações. Como resultados das reflexões realizadas, a partir dos diálogos tecidos com os pesquisadores do Getel (professores e funcionários da UNEB), compreendemos que as experiências realizadas durante os semestres remotos e o retorno as aulas presenciais, alertam o quanto é necessário um processo de (re)humanização no interior das instituições de ensino remoto. Em períodos de reconstrução, de “novo normal”, o olhar atento e afetuoso, torna-se alimento essencial.



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

PALAVRAS-CHAVE: Humanidade. Afeto. Docência. Educação.

RESUMEN

Luego de dos años de distanciamiento social y dificultades en todos los aspectos de la vida humana, los sistemas educativos retoman sus actividades presenciales y se enfrentan a las más diversas situaciones de debilidades, necesidades humanas y sociales de estudiantes, docentes y empleados. Pero ¿y la vuelta a las actividades presenciales, ¿cómo se dieron? A partir de esa premisa, este estudio busca presentar la mirada y el actuar de los investigadores del Grupo de Estudios en Educación, Tecnologías y Lenguajes (GETEL), al momento de regresar a las actividades docentes presenciales en el Campus XI. A través de esto, se presentan específicamente como otros objetivos: presentar los principales eventos socioacadémicos realizados en ese período y describir sus respectivos métodos y enfoques afectivos aplicados a los mismos. Esta interlocución se fundamenta en una epistemología educativa de la diferencia, la multireferencia y la inclusión, en la que todos los sujetos se sienten respetados y acogidos en todos los contextos sociales. La Universidad, como productora de conocimiento y espacio de formación humana, está comprometida con esta misión, y ha concentrado esfuerzos en fortalecer prácticas educativas que movilicen tales construcciones. El camino metodológico de abordaje cualitativo optó por la etnografía para traer al estudio nuestras narrativas y experiencias como investigadoras y actoras de una práctica educativa aún en fase de observaciones, reflexiones y teorizaciones. Producto de las reflexiones realizadas, a partir de los diálogos realizados con los investigadores de Getel (docentes y funcionarios de la UNEB), comprendemos que las experiencias realizadas durante los semestres a distancia y el retorno a las clases presenciales, alertan cómo mucho es necesario un proceso de (re)humanización dentro de las instituciones de enseñanza a distancia. En periodos de reconstrucción, de una “nueva normalidad”, la mirada atenta y afectuosa se convierte en alimento imprescindible.

PALABRAS CLAVE: Humanidad. Cariño. Enseñando. Educación.

1 CONVERSAS INTRODUTÓRIAS



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

O célebre escritor, Rosa (2001) no clássico “*Grandes Sertões Veredas*” já ponderava que “Viver é um rasgar-se e remendar-se [...]”. De fato, o ano de 2020 chegou e foi embora, deixando para humanidade os ecos da fala de Rosa: rasgamos e fomos tentando, ao longo do ano de 2021 e nos dias que correm no calendário da vida, remendar-nos, costurando as dores e aprendizagens forjadas pelos dias da pandemia do Covid 19.

Em um curto espaço de tempo, a humanidade foi desafiada pelo vírus invisível, no entanto letal, que ceifou inúmeras vidas, deixando um rastro de dor, de desolamento e profundas incertezas para a espécie humana.

Podemos, sem sombras de dúvida, afirmar que temos uma história antes e outra que se constrói a partir dos remendos, fissuras e costuras que precisamos fazer para avançar nas travessias dos dias, ainda emoldurados pela presença da doença, do vírus e de toda uma gama de sequelas derivadas do período de distanciamento social.

Neste cenário, situamos a educação, em especial a tecida no contexto universitário, o qual ficou, em certa medida, anestesiado diante do desafio imposto pela doença: as aulas suspensas e todas as atividades administrativas, de pesquisa e extensão, precisaram ser repensadas, replanejadas e ressignificadas.

De um momento para o outro, o coletivo de profissionais de educação, e os docentes em especial, precisaram se reinventar, construindo pontes que levariam a cabo os processos pedagógicos, agora num formato inusitado, até então: o ensino remoto, mediado não mais pelo contato físico e presencial, mas pelas possibilidades comunicacionais das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC).

Dias de lutas intensas, de esforços e do exercício encarnado da criatividade, na dimensão que este vocábulo exprime: criamos e pusemos em ação, novas formas de interação, por meio das TDIC, pelo uso pedagógico dos dispositivos digitais, numa



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

busca harmoniosa nas arquiteturas das aulas, que buscamos reger como uma orquestra com vários instrumentos, de tal modo a produzir os atos educativos.

Profundas lições, relatos e produções acadêmicas começam a registrar a História desta etapa da educação brasileira, enquanto os fatos se processam, num exercício fecundo de escrever sobre o caminho enquanto ele é edificado: artigos, produções escritas, haverão de registrar para posteridade todas as demandas e respostas que os educadores foram elaborando, de modo que a educação, sobretudo a superior, não entrou em inércia!

Ao contrário, criamos, inventamos, produzimos, dentro de um cenário desconhecido e hostil à vida, sem olvidar do nosso compromisso ético de contribuir com a Ciência brasileira, dando continuidade, de modo remoto, ao fazer acadêmico. Aprendizagens foram tecidas, a docência se fez! Entretanto, indagamos: a que custo? Como estão os professores, estudantes e funcionários da Universidade, após experimentar dias tão densos, tristes envoltos em mortes e tantas perdas? Podemos avançar da mesma forma?

A travessia dos dias pandêmicos, com todas as mazelas que disseminaram, de distanciamentos dos mais variados, produziu sofrimentos e sequelas enormes nos atores sociais: desde a vulnerabilidade econômica, até a vulnerabilidade emocional, gerando adoecimentos psicossociais na maioria dos sujeitos que constroem a dinâmica acadêmica.

A incerteza nos tomou conta e só restou a perplexidade. De fato, todos fomos atingidos de alguma forma, em maior ou menor grau. A questão então seria como fomos pegos. Aos que não foram retirados a vida, restaram sequelas também psicológicas, seja pelo acometimento da doença em si, seja pela devastação que ocasionalmente essa causou por perdas de amigos, parentes. E na medida em que as aulas presenciais retornaram, parecíamos desamparados precisando de reequilíbrio – precisávamos, todos, de afeto, de atenção.



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

Com o intuito de registrar a história, desta etapa da nossa História da Educação, assim como ponderar sobre as profundas reflexões que hão de serem feitas sobre o retorno das pessoas ao modelo presencial dos processos formativos, agora com um olhar diferenciado para o humano (que tantos abalos sofreu nos transcursos dos dias agudos da pandemia), tomamos como desafio costurar os fios do presente artigo, numa aventura compartilhada por três mãos de professores, educadores, que **experivenciam** as labutas diárias, cotidianas do ofício docente na UNEB, em especial, no CAMPUS XI, na cidade de Serrinha -Ba.

Nossa intenção, ao agir como tecelões das palavras, é trazer luz para uma questão, que se desenha e se anuncia como urgente, diante da tragédia humana que a Covid 19 gerou: as fragilidades e necessidades humanas, daqueles discentes, docentes e servidores que, agora enfrentam os desafios do retorno ao “novo normal”. Indagamos: existirá um novo normal? Haverá o normal, diante de tantas mortes, de tantas vidas que se perderam diante da doença e do mal-estar civilizatório provocado pelas dinâmicas da própria pandemia?

São muitas perguntas que se formam diante desses dias presentes. Tantas e tamanhas são as perplexidades e lacunas que muitos experimentam diante das incertezas e dos processos de desigualdades exacerbadas nestes momentos de “abrandamento das curvas de mortes”. Por esse motivo estabelecemos como principal indagação deste trabalho: Como se deu o retorno às atividades pedagógicas presenciais no campus XI?

A moldura da educação, que se busca construir nestes dias do retorno ao presencial, se mostra ladeada por múltiplas incertezas, áridas questões que precisam ser debatidas a exaustão pela sociedade: como fazer educação? Quais diretrizes precisam ser tomadas, agora pela gestão educativa, tanto nos espaços institucionais quanto aos não institucionalizados? Quais direções, a educação, sobretudo aquela constituída nas academias, precisa adotar como balizadoras para um caminho adequado ao homem e mulher, que atravessa a pandemia?



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

Nesse contexto, tivemos como objetivo geral apresentar o olhar e as ações dos pesquisadores do Grupo de Estudos em Educação, Tecnologias e Linguagens (GETEL), no momento de retorno à presencialidade às atividades pedagógicas do Campus XI; já como objetivos específicos tivemos que: apresentar os principais eventos sociais/acadêmicos realizados nesse período e descrever seus respectivos métodos e abordagens afetivas aplicadas nos mesmos.

O fato é que diante de tantas indagações, tomamos como desafio interagir com maior proximidade das turmas de graduação, desde o “Semestre Emergencial”¹, e os Remotos, organizando nossas práticas educativas fundamentados neste olhar sensível e afetivo, na realização de *lives*, Rodas de Conversas *On-line* e nas Aulas remotas em cada plataforma utilizada, direcionando a prática educativa, não apenas ao currículo explícito em cada componente, mas também no currículo oculto e implícito no tocante as relações humanas e no desenvolvimento emocional deste coletivo que pediam escuta, um olhar diferenciado, mas não menos formativo, para esta experiência de vida impulsionada pela pandemia.

E escutamos, recebendo e dando afago. E na impossibilidade profissional de um atendimento especializado, direcionamos também alguns estudantes ao Atendimento Psicopedagógico da UNEB, realizado também de forma remota.

Por fim, chegamos ao retorno presencial, no semestre acadêmico 2022.1 no Curso de Pedagogia, imbuídos do mesmo propósito e exercício de acolhimento. Para tanto, efetivamos na primeira semana de março um conjunto de ações voltadas ao acolhimento afetivo, através de escuta sensível dos discentes, rodas de conversas, e atendimentos *online* individuais, que pudessem subsidiar uma interação necessária ao retorno a dinâmica acadêmica após os dois anos de necessário distanciamento físico.

¹ O chamado “Semestre emergencial” foi assim definido através da medida provisória nº 934, no dia 1º de abril de 2020, a qual “estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública” (BRASIL, 2020, p. 1).



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

A partir disso, abordaremos as principais diretrizes e as linhas dorsais, estruturantes de toda as ações que se desenharam este retorno presencial e que tiveram o objetivo não só de receber estudantes dando continuidade à sua formação, mas principalmente em acolher pessoas ávidas por afetos ajudando-as, e a nós mesmos, a esperar novamente diante de tantas experiências trágicas.

2 CONVERSAS TEÓRICO-CONCEITUAIS

O correr da vida embrulha tudo.
A vida é assim: esquentada e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem
(Guimarães Rosa)

Os versos do escritor nos conclamam a compreender a travessia em curso, que ainda vivemos em termos de ter coragem para os enfrentamentos advindos da pandemia, que por hora ainda temos que conviver! Apesar das nefastas consequências emocionais que se derivaram dos dias de pavor, solidão, precisávamos ter coragem para preparar e para nos autorregularmos no tocante as nossas próprias emoções, inseguranças, medos e toda gama de outros sentimentos advindos da necessária volta ao presencial.

Embora sendo um desejo pulsante em grande parte da comunidade acadêmica, o retornar a vida presencial no Campus XI demandou esforço hercúleo de todos: da gestão, dos servidores, docentes e discentes. Muitas emoções convergiram para esse momento de volta, dentre tantos, o medo da contaminação, o pânico de estar com os pares, os estranhamentos de nos percebermos e olharmos uns para os outros e atestarmos novas rugas, novos semblantes... muitos deles endurecidos pelos dias difíceis pelos quais, foi necessário resistir, insistir e persistir na existência e na vida que continua.



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

O exercício do voltar a cena, provou em todos nós, profundas reflexões, as quais nos moveram ao mais importante ato que poderíamos exercer enquanto professores: ouvir! Escutar o que o outro tinha a dizer! E que fecundo exercício foi esse! O que incontornavelmente nos conduziu aos ecos das falas inspiradoras de Freire:

[...] vinha observando quão importante e necessário é saber escutar. Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. [...] (FREIRE, 2005, p.113)

E foram nestes atos dialogais que efetivamos um breve 'silenciamento pedagógico' e demos protagonismo a polifonia de falas que emergiram nas rodas de conversas, nos encontros dialogais, nas oficinas, palestras e tantas outras atividades que estruturamos como atos de escuta sensível dos discentes durante as primeiras aulas. Esse momento do retorno ao presencial intitulamos coletivamente como *Semana de Acolhimento*, a qual aconteceu entre os dias sete e doze de março do ano de 2022.

Durante essa semana programamos uma agenda com numerosas atividades de socialização com uma equipe de psicopedagogos, psicólogos, onde se buscou efetivar movimentos de recepção de todos e todas de modo que se sentissem amparados. Esse exercício nos fez entender com maior profundidade o sentido da prática de humanidade, de sensibilidade e de acolhimento.

A palavra acolher, no sentido etimológico denota um verbo transitivo com significação próxima a: oferecer ou obter refúgio, proteção ou conforto físico; abrigar(-se), amparar(-se). E é justamente tomando esse vocábulo de empréstimo do nosso universo lexical, que na educação, precisamos entender e aprendermos a praticar o acolhimento, como ação dialogal, de falar, de escutar, estabelecendo elos com os outros, recebendo, oferecendo conforto, aconchego e compreensão.



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

Com clara obviedade, o exercício “profissional” do acolhimento fica circunscrito a prática dos psicólogos e psicólogas, trabalhadores (as) essenciais e urgentes para a vida acadêmica e das escolas, posto que, certamente são eles/ elas que têm todo o preparo formativo e profissional para atuação no escopo das ações psicoeducativas que convergem para o exercício fecundo do acolher humanizado das pessoas.

De tal modo, deixamos demarcado que, nosso olhar pedagógico se voltou para o outro, em atos humanos, típicos daqueles que enfrentaram e celebram com alegria o “reencontro”. Como atos aprendentes, de pessoas que se conectam em atos dialógicos para assim, pela força do coletivo, transpor barreiras, construir pontes para aprendizagens, efetivar as travessias dos territórios hostis que dificultam o existir humano, mas acima de tudo, com a possibilidade fecunda da transformação da realidade.

Então em cada uma das salas, dos encontros, das conversas, dividimos experiências e multiplicamos afetos diante de cada uma das falas. Escutamos. Olhamos, Apoiamos. Efetivamos a presença que sentimos, que precisávamos.

Foi nesse movimento de acolher, recebendo as pessoas de volta ao presente e à presencialidade acadêmica, que fomos ouvindo e registrando nossos diários de campo, durante atividades promovidas pelos diversos Grupos de Pesquisa e também pelos docentes, a exemplo do Projeto de Extensão Cultura de Paz², promovido pelo Grupo de Estudos em Educação, Tecnologias e Libras- GETEL, que percebemos os ecos e ressonâncias das discussões vividas, com as cenas que foram sendo desenhadas nas salas de aulas, nos pátios, nos corredores, escadarias, e demais ambientes que constituem o CAMPUS XI.

Fotografamos cenas, pessoas, cotidiano que começava a ganhar o colorido das roupas, a pujanças das falas que em polifonia orquestram os sons que ecoam pelo

² Projeto de extensão, vinculado ao Grupo GETEL, criado em 2019 com o objetivo de fomentar através das dimensões teórica, prática e vivencial, o exercício dos valores humanos voltados para a promoção da cultura da paz dentro do Ensino Superior.



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

CAMPUS XI, numa celebração da vida que se torna possível pelos encontros entre as gentes.

Nestes momentos de atar, de reconectar os laços dissolvidos pelo distanciamento social, fomos observadores inquietos das manifestações humanas, anotando, ponderando, nas nossas aulas vivas, em salas de aula, sobre a importância da educação como ato amoroso, afetivo e que busque afetar as pessoas com as conexões e reconexões com o que mais importante temos: o humano que habita dentro de cada um de nós.

Na perspectiva de entender o momento do retorno presencial como etapa importante para vida das pessoas, sobretudo daquelas que constituem as dinâmicas acadêmica, ponderamos aqui sobre a necessidade de olhar para o processo educativo para além do produtivismo acadêmico. Esse que ao longo dos anos tem consubstanciado a vida dos centros universitários, impelindo estudantes e professores a uma busca desenfreada pela produção e alimentação de currículos institucionais, que passou a ser concebido como um repositório de produtos e construtos elaborados as custas, inclusive da saúde mental das pessoas.

Segundo Nascimento:

[...] outro fator veementemente importante neste tocante é a produtividade acadêmica, que a cada dia que passa é crescentemente direcionada pelos docentes dentro das universidades. Nos corredores, banheiros e demais ambientes da Universidade, é bastante comum ouvirmos estudantes desesperados com sobrecarga da demanda de trabalhos acadêmicos que lhes são cobrados. Estudantes universitários recebem uma enorme cobrança no que se refere ao número de trabalhos acadêmicos solicitados pelos professores. Eles acabam passando por grandes frustrações e prejuízos quando não conseguem entregar no prazo ou da maneira em que os mestres consideram corretos esses trabalhos. A cada vez que estes alunos são pressionados, grande parte deles adquirem bloqueios que podem impedi-los de continuar no curso. (NASCIMENTO,2020, p.21)



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

A academia, precisa passar por um processo amplo, de atenção à saúde mental dos servidores, docentes, discentes, posto que, casos de suicídio e adoecimentos psicológicos estão eclodindo de modo vertiginoso nas Universidades.

De tal modo, entendemos que se torna relevante as escolas e centros universitários edificarem em seus construtos, espaços – tempos voltados para a escuta e o acolhimento das pessoas. Afinal são seres humanos que acionam a vida, que pulsa nas salas de aulas, laboratórios, projetos, pesquisas, cursos dentre outros fazeres acadêmicos.

Isso nos faz refletir sobre o sentido do humano, na docência. Como afirmado por Freire (2003, p.66): “Ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa aos direitos dos educandos e exige também, a apreensão da realidade.” Acolher a realidade com todas suas contradições, e se dispor a transformar, a humanizar a desenvolver. Para isso, devemos ser esperançosos, ou seja, acreditar em nossa capacidade de produzir atos de resistência e impulsionar realidades alternativas, mais próximas do que queremos e precisamos. “ Ensinar exige comprometimento (FREIRE, 2003, p.96), sendo necessário que aproximemos, cada vez mais, nossos discursos, de nossas ações.

Neste sentido, não podemos pensar, refletir sobre os atos pedagógicos distantes da perspectiva dos atos afetivos, uma vez que, toda ação docente, planejada e intencionalmente dirigida ao aprender, se conecta pelas forças que emergem dos afetos, no sentido próprio do vocábulo, afinal o que é afetividade?

Podemos compreender a afetividade como toda e qualquer ação que afeta o outro diretamente, significando enfatizar as possibilidades de relação entre duas ou mais pessoas como força mobilizadora das aprendizagens solidárias e colaborativas, sendo o processo de interação fortemente demarcados e influenciados pelo contexto em que os sujeitos estão inseridos. De acordo com Veras, Ferreira (2010),

[...] podemos afirmar que a afetividade constitui um fator de grande importância no processo de desenvolvimento do indivíduo e na relação com



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

o outro, pois é por meio desse outro que o sujeito poderá se delimitar como pessoa nesse processo em permanente construção. Nesse sentido, é essencial que o professor de Ensino Superior também esteja envolvido nesse processo, considerando a afetividade como parte do desenvolvimento, buscando a formação integral dos estudantes universitários e uma vivência positiva da aprendizagem. (VERAS; FERREIRA, 2010. p. 4)

Compreendemos que para produzir conhecimentos, os sujeitos precisam acionar estruturas complexas que congregam cognição, aspectos sociais, culturais e também os emocionais, sendo que aí, reside em certa medida, elos significativos que conectam pessoas aos processos de ensinar e aprender. Ou seja, para aprender e ensinar é preciso uma reconexão com afetos, como forças motrizes, potentes, acionadoras das ações que se irmanam das aprendizagens.

De tal modo, salientamos que,

[...] a grandiosa importância do uso da afetividade para o processo de desenvolvimento dos sujeitos, uma vez que quando não há essa prática, vários prejuízos nas construções das aprendizagens acontecem. É essencial que os docentes sejam os primeiros envolvidos nesse processo, fazendo diálogos sobre a importância do ouvir, entender e acolher o outro; pois muitos discentes costumam refletir as práticas que observam nos seus mestres. (NASCIMENTO, 2020, p.23)

Para Wallon (1986), as dimensões cognitivas e afetivas perpassam-se e influenciam de forma inseparável toda e qualquer atividade humana. Por isso, para estabelecer uma relação de afetividade significativa entre professor e aluno, é realmente necessário que a prática afetiva esteja verdadeiramente presente no contexto da sala de aula e todos os espaços-tempos da educação. E este foi o mote que impulsionou todas as ações que projetamos e executamos no fazer acadêmico pós pandemia.

3 CAMINHO METODOLÓGICO

Educar para a solidariedade humana considerando como eixos o sujeito, a mediação pedagógica e o desenho participativo.
(Galeffi, 2012)



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

O desafio de tecer um texto científico demanda dos tecelões, a postura criativa ao constituir o método de trabalho, posto que, se entende metodologia do trabalho científico como um caminho aberto a criatividade acadêmica. De tal modo, há que se ter em mente o arcabouço teórico para lastrar o construto metodológico uma vez que, ao acolher a abordagem, necessário se faz a assunção de técnicas, dispositivos e elaboração do desenho procedimental que culmina na produção.

Assim, como necessidade inerente as escolhas sustentadoras da metodologia, os pesquisadores aportam as inquietações heurísticas no campo da Epistemologia da Multirreferencialidade, por compreender que tal perspectiva se mostra como coerente para propor exercícios de compreensão e interpretação da realidade que se projeta como multi e complexa.

Com tal assunção, encontramos possibilidades para acolher outros tantos princípios norteadores da construção da docência por meio de uma base epistemológica que se assenta na Pedagogia das diferenças, da esperança, do otimismo, e na concepção multirreferencial que inspira a educação. A abordagem teórico-metodológica que se aproxima dos fundamentos desta base epistemológica é a pesquisa qualitativa, porque perspectiva busca interpretar objeto de pesquisa em seu próprio termo, respeitando a subjetividade inerente às construções humanas. Acolhendo os diferentes pontos de vistas e não neutralidade da ciência e do sujeito pesquisador.

A pesquisa qualitativa visa compreender o fato social com base na compreensão dos atores por meio da participação em suas vidas, ou seja, o pesquisador precisa tentar compreender o significado que os outros dão às suas próprias situações e, desta forma, compreender a realidade com toda subjetividade oriunda de cada grupo/instituição investigado (CARDOSO, 2016, p. 9)

Além do mais, a abordagem qualitativa, em que perspectivamos está alicerçada na perspectiva epistemológica da Fenomenologia e nos paradigmas do compreender



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

e buscar interpretar a realidade em estudo, em face de estabelecer um olhar mais apurado, sensível, hermenêutico, da realidade, sobretudo humana que se edifica numa teia da ordem da complexidade dos fenômenos, depreendendo então daí a essência fenomenológica da investigação-ação que está entranhada na docência que exercemos.

Uma vez que, trataremos com fenômenos humanos, no caso a educação, dando voz aos atores atrizes sociais dos contextos em estudo, cremos na coerência e pertinência da ancoragem da visão qualitativa a lançar luzes sobre os fenômenos humanos, sobretudo demarcados pela travessia da educação que se fez construir para enfrentar a pandemia do Covid 19.

No cenário dos fenômenos educacionais, cada vez mais os pesquisadores foram percebendo a necessidade de assunção do enfoque qualitativo. De modo que, a assunção da abordagem qualitativa para lastrear os estudos, reflexões e construções da docência nos cenários da educação, permite uma penetração ampla e mais profunda na realidade natural onde ocorrem os fenômenos sociais, permitindo ao pesquisador o ato de desnudar a realidade vivenciada a partir da fala, das percepções dos atores e atrizes sociais. (CARDOSO; FONTES, 2017, p.58)

Na perspectiva qualitativa, delineamos a metodologia norteadora das reflexões que foram sendo constituídas durante o caminhar acadêmico, que gerou a tessitura do texto em tela sendo que, durante os exercícios autorreflexão dos pesquisadores, tivemos o entendimento de que, para galgar êxito nos registros escritos, teríamos como meio incontornável, a opção pela escrita etnográfica. Essa escolha, fundamentada pela necessidade de trazer para o estudo nossas narrativas e experiências enquanto pesquisadores e atores de uma prática educacional ainda em fase de observações, reflexões e teorizações.

De pronto, situamos nossos estudos e incursões reflexivas no campo da modalidade das pesquisas etnográficas educacionais pois como afirma Esteban:



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

Atualmente os estudos etnográficos estão se desenvolvendo profusamente no âmbito da educação com uma clara finalidade: compreender “de dentro” os fenômenos educacionais. Pretende-se explicar a realidade com base na percepção, atribuição de significado e opinião dos atores, das pessoas que nela participam. (ESTEBAN,2010, p. 163).

Percebemos assim, a emergência da modalidade chamada de Etnografia educacional que para Esteban:

Contribui para a descoberta da complexidade dos fenômenos educacionais e possibilita às pessoas responsáveis pela política educacional e aos profissionais da educação um conhecimento real e profundo deles, orientando a introdução de reformas e inovações, assim como a tomada de decisões. Por isso a Etnografia escolar está sendo utilizada em diferentes tipos de estudos. (ESTEBAN, 2010, 164).

Por meio da etnografia educacional se busca compreender o mundo e suas inter-relações pelo olhar dos próprios atores sociais. Sendo assim, percebemos a coerência de adotar tal modalidade de investigação como inspiradora para o estudo e as ponderações reflexivas e auto formativas tecidas na aventura de construir a docência no contexto do retorno à presencialidade, “[...]desafiamos a edificar, sobretudo considerando os objetivos propostos, orientados à compreensão, interpretação e análise das falas, das vivências dos sujeitos sociais imersos num contexto educacional específico”. (CARDOSO, 2016, p.10).

Então, os registros e reflexões realizados neste escrito apresentam nossas inquietações e percepções construídas a partir de observações, diálogos e ponderações individuais e coletivas durante as Reuniões Mensais do GETEL, tendo como base as ações desenvolvidas de ensino, pesquisa e extensão no Campus XI, no retorno das atividades acadêmicas presenciais.

4 PONDERAÇÕES SOBRE AS VIVÊNCIAS E ITINERÂNCIAS ACADÊMICAS



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

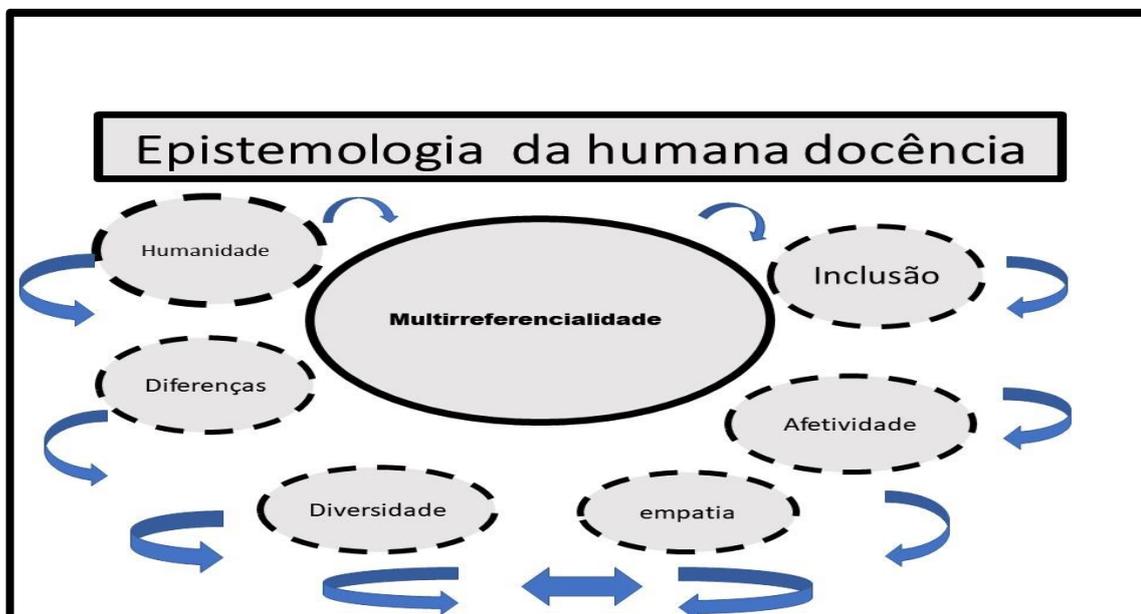
Digo: o real não está na saída nem na
chegada: ele se dispõe para a gente é
no meio da travessia
(Guimarães Rosa)

E foi no movimento e nas movimentações acadêmicas desses eventos e de nossas ações pedagógicas no retorno à presencialidade no Campus XI que escutamos, analisamos, ponderamos e refletimos sobre a necessária edificação colaborativa daquilo que chamamos de uma Epistemologia Educacional Humanística³ para qual convergissem algumas perspectivas como balizadoras do processo de tessitura destes novos modos e pensar/ agir na educação, tais como: assunção das diferenças, multirreferencialidade, diversidade, acolhimento e inclusão e empatia.

De tal modo, após os exercícios fecundos da escuta e da reflexão, ponderamos sobre a possibilidade de visualizar esta perspectiva emergente, o que nos possibilitou a projeção do esboço, o qual apresentamos a seguir:

Fig. 1. Esboço colaborativo-Visualizando a Epistemologia Educacional Humanística.

³ Neste texto, optamos por nomear de 'Epistemologia Educacional Humanística, uma perspectiva que colaborativamente intencionamos a constituir, alicerçando -a em princípios tais como: diferenças, inclusão, diversidade, dialogicidade, acolhimento e afetos. Tal perspectiva, ao se constituir, poderá ser inspiradora para as práticas de docência acadêmica.



Fonte: Arquivo dos pesquisadores, 2022

Consoante a projeção acima, desenhada de modo incipiente pelos pesquisadores, emerge dos muitos entrecruzamentos e releituras conceituais de outras tantas epistemologias tais como: Pedagogia da Esperança, Pedagogia do otimismo e a Multirreferencialidade, reportada Ardoino (1998); Barbosa (1998) e Macedo (2012).

Dos entrecruzamentos epistemológicos, tomando a Multirreferencialidade como elemento catalizador, fundante para a construção das práticas acadêmicas, sobretudo pedagógica voltadas para a humana ação docente, torna-se crucial, aqui que destaquemos algumas ponderações sobre a Multirreferencialidade como princípio lastreador da docência alicerçada pelos vieses da humanidade.

Para Ardoino (1998), percussor da epistemologia da Multirreferencialidade sua compreensão está alicerçada a práticas dialógicas cujos debates pluralizem, impliquem, alterem e autorizem o processo do pensamento, na mobilização do pensamento fazendo-se. Abre, portanto, caminhos para o diálogo entre diferentes pontos de vistas, que se complementam, sem reduzir um ao outro. Relaciona a



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

docência ao compromisso e respeito à subjetividade humana, a complementariedade das ciências e do pensamento humano,

Assumindo plenamente a hipótese da complexidade, até mesmo da hipercomplexidade da realidade a respeito da qual questionamos, a abordagem multirreferencial propõe uma leitura plural de seus objetos (práticos ou teóricos), sob diferentes pontos de vista, que implicam tanto visões específicas quanto linguagens apropriadas às descrições exigidas, em função de sistemas de referências distintos, considerados, reconhecidos explicitamente como não- redutíveis uns aos outros, ou seja, heterogêneos (ARDOINO, 1998.p 24.)

Reforçando esta visão, Barbosa (2012) concebe a multirreferencialidade como um modo de ver o mundo no qual nos inserimos, um modo de compreender a ciência, o conhecimento, o outro, nossa atuação no social e conosco mesmos. Uma compreensão que resulta da intersubjetividade e do diálogo que acolhe múltiplas dimensões: científicas, históricas, sociais, mítica religiosas, ética, biológicas, econômicas e afetivas, a partir de processos argumentativos, dialógicos e críticos de compreensão da realidade. Assim, todos os fenômenos são interdependentes e a realidade, é definida essencialmente pelos relacionamentos e processos, em que o todo afeta as partes e as partes afeta o todo.

. Nesta premissa a prática educativa está sempre movimento, em diálogo contínuo com o tempo, espaço e sujeitos, transformando e transformando-se, durante todo o processo de forma contínua. Pensar nossas práticas educativas a partir destes princípios condiciona de fato, nossas ações a uma implicação com todos os sujeitos, imbricados e autorizados em seus processos formativos e desta forma, mais uma vez, só existe corresponsabilização com respeito e afeto quando escutamos e validamos a existência do outro. Para Macedo, este pressuposto

Ressalta a necessidade dos sujeitos humanos de conquistar por eles mesmos, a capacidade de se autorizar, de se fazer autor dele próprio, no sentido de se reconhecer na origem do seu devir, implicado, sem



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

antinomias, a ligação social, a independência, a relação comunitariamente mediadas (MACEDO, 2012, p. 41).

Ademais, a Multirreferencialidade nos convoca, a cortejar também os princípios que circulam e se abraçam nos laços que se estreitam no desejo de produzir atos educativos amorosos, em que o olhar cuidadoso, zeloso e afetivo seja farol. Sendo assim, podemos destacar a importante assunção das diferenças e da diversidade como fundantes e faróis para desconstrução dos preconceitos e as práticas que se cristalizam na ótica da uniformização dos sujeitos.

O desejo de construção do espaço acadêmico como inclusivo, é transversal a todos atos e espaços universitários, posto que, a edificação das ações inclusivas se constituem no dia a dia, nas ações simples e complexas de pensar na existência das pessoas diferentes, plurais em suas essências, em suas identidades, em seus corpos, haja vista a ideia de que todos e todas as pessoas têm o direito de serem quem são.

Neste sentido, a edificação de novos sentidos para os atos educativos e acadêmicos ganha força a partir do estudo efetivado, pautado pelas vozes diversas, plurais que ecoam nas salas do CAMPUS XI, sobretudo nas propostas de acolhimento das ações acadêmicas dos pós isolamento. Com efeito, pensar numa educação balizada pelos conceitos supracitados, exige de cada um de nós o exercício ético de pensar, refletir sobre os sentidos da ação pedagógica e nossos quefazeres no tempo-espaço da Universidade, a qual construímos com o sal e o suor do nosso ofício docente.

E nesta assertiva, que definimos, a partir de nossas experivivências educacionais ocorridas durante e depois da pandemia promovidas por toda a comunidade do Campus XI, uma nova perspectiva formativa, que neste texto denominamos de Epistemologia Educacional Humanística. Esse como fruto de nossas reflexões e crenças, e que se fundamenta a partir de princípios tais como: diferenças, inclusão, diversidade, dialogicidade, acolhimento, subjetividade, autoria, identidade, dialogia e afetos. Acreditamos que tal perspectiva, ao se constituir, poderá ser



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

inspiradora para práticas da docência universitária comprometida com o desenvolvimento humano integral a partir de então.

5 NOTAS CONCLUSIVAS

Reconstrução. Se existe algo de positivo que pôde ser visto ‘no fim’ da pandemia do Covid 19, esse foi a possibilidade de nos reconstruir. Ganhamos da vida a chance de utilizarmos dessa experiência chocante para nos refazer e de uma maneira melhor para nós mesmos e para o outro; a chance de fazermos novamente e sem a possibilidade de cometer os mesmos erros que antes. Pudemos ver o quanto precisávamos uns dos outros e o quanto somos todos, ao mesmo tempo, necessitados de afetos e capazes de acolher o outro.

Durante a Semana de Acolhimento do Campus XI, no Projeto de Extensão Cultura de Paz e até mesmo no “Semestre Emergencial”, exercitamos o nosso altruísmo, repensamos nossas práticas e construímos uma alteridade mais complexa, profunda. As experiências socializadas durante os semestres remotos e o retorno as aulas presenciais mostraram o quanto é necessário um processo de (re)humanização também na sala de aula.

Concluimos que os objetivos propostos neste trabalho de pesquisa foram devidamente alcançados e para além disso, após nossas observações individuais e/ou coletivas e também motivada pela necessidade de uma ‘escuta sensível’ permanente aos indivíduos, nos deparamos com uma nova possibilidade: a necessidade da criação de uma Epistemologia Educacional Humanística (ou Epistemologia da Humana Docência), com base numa perspectiva da Multirreferencialidade ‘ardoiniana’ onde retornamos ao que mais importa a qualquer perspectiva pedagógica/educacional: o humano.



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

O fato é que precisamos, sem dúvidas, de uma formação acadêmica de qualidade, de uma construção científica, mas ansiamos também por uma reconexão com afetos e que nós professores em geral, precisamos exercitar mais nossa escuta sensível e entender o quanto as pessoas necessitam ser acolhidas, ouvidas e incluídas.

REFERÊNCIAS

ARDOINO, Jacques. **Educacion et politique**. Paris: Anthopos, 1998.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves. **Multirreferencialidade nas Ciências da Educação**. São Carlos: EDuFSCar, 1998.

BRASIL. MEDIDA PROVISÓRIA Nº 934, DE 1º DE ABRIL DE 2020. Disponível em: <https://in.gov.br/en/web/dou/-/medida-provisoria-n-934-de-1-de-abril-de-2020-250710591>

CARDOSO, Jusceli Maria Oliveira de Carvalho. **Possibilidades e demandas do uso pedagógico das TICS, no atendimento educacional especializado a surdos: um estudo contextualizado nas escolas inclusivas da DIREC 12-território do sisal baiano**. Projeto de Pesquisa, apresentado ao Programa de Pós-graduação, Doutorado em Ciências da Educação, UNINTER, PY, Universidad Internacional Tres Fronteras, Assuncion, Py, 2016

CARDOSO, Jusceli Maria O. de C., FONTES Isaura. **Fazer pesquisa no território da educação: das concepções às práticas e as necessárias travessias epistemo-metodológicas**. Revista Olhares Docentes / Faculdade Euclides da Cunha, Curso de Pedagogia – v. 1, n. 2 (jul./dez.,2017) – Euclides da Cunha: FAEC, 2017.

ESTEBAN, M. Paz Sandin. **Pesquisa qualitativa em educação: Fundamentos e tradições**. Porto Alegre, AMGH, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 51ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: veredas**.1908-1967.19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001

Ministério da Saúde, **Acolhimento nas Práticas de Produção da Saúde**, Brasília-DF, 2010, 2ª edição, 5ª reimpressão, In: <<https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acolhimento_praticas_producao_saude.pdf>>, pesquisado em: 28/07/2022.

NASCIMENTO, Isa Tamara Araújo dos Santos Ramos. **Relações afetivas (des)construídas no processo formativo: narrativas de estudantes de 8º semestre do curso de Pedagogia na UNEB CAMPUS XI**. Monografia apresentada ao Colegiado de Curso de Pedagogia, UNEB, CAMPUS XI, Serrinha, 2020.

VERAS, Renata da Silva; FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde. A afetividade na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem, em contexto universitário. **Educar em revista**. n.38.Curitiba.Sept./Dec. 2010.

MACEDO, Roberto Sidnei; BARBOSA, Joaquim, BORBA, Sergio (Ogs). **Jacques Ardoino & a Educação**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2012.

WALLON, Henri. **Origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manieie 1986.

CREDENCIAIS DA/OS AUTORA/ES

SANTOS, Ana Cristina de Mendonça. Doutora em Difusão do Conhecimento. (UFBA) Contato: cris_mendonca@hotmail.com.

CARDOSO, Jusceli Maria Oliveira de Carvalho. Doutora Em educação. UNEB/ CAMPUS XI-Brasil. E- mail: jcardoso@uneb.br

SANTOS, Julio Cesar Gomes Santos. Doutor em Educação (UFBA)UNEB/ CAMPUS XI, Serrinha-BA, Brasil. E- mail: julioparsifal@hotmail.com